

# alameda

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#22 (tomo 3) Jan. 2019

## TECNOLOGIA, PATRIMÓNIO E COMUNIDADE

em Salvaterra  
de Magos

**A actividade  
metalúrgica e a olaria  
de Sines romana**

**A emergência de uma  
Arqueologia Contemporânea  
em Portugal**

**Artes do couro no  
medievo peninsular**



**CAA**

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Caldeira e ciclones para produzir ar aquecido, depois conduzido aos secadores da Fábrica de Descasque de Arroz da Casa de Cadaval, em Salvaterra de Magos.

Foto © Leonor A. P. de Medeiros.



II Série, n.º 22, tomo 3, Janeiro 2019

#### Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,  
Apartado 603 EC Pragal,  
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede | Travessa Luís Teotónio  
Pereira, Cova da Piedade,  
2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | [c.arqueo.alm@gmail.com](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com)

Internet | [www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)

ISSN | 2182-7265

#### Estatuto editorial |

[www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Parceria | ArqueoHoje - Conservação  
e Restauro do Património  
Monumental, Ld.<sup>a</sup>

Apoio | Neoépica, Ld.<sup>a</sup>

Director | Jorge Raposo  
([director.almadan@gmail.com](mailto:director.almadan@gmail.com))

Publicidade | Centro de Arqueologia  
de Almada ([c.arqueo.alm@gmail.com](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com))

#### Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,  
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva  
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Centro de Arqueologia de  
Almada (sede): Vanessa Dias,  
Ana Luísa Duarte, Elisabete  
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),  
Luísa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos  
Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem  
e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Fernanda  
Lourenço e Sónia Tchissolle

#### Colaboram neste número |

Suely Amâncio-Martinelli, Telmo  
António, Ana C. Araújo, Thierry  
Aubry, Renata F. Barbosa, Luísa  
Batalha, Carlos Boavida, Guilherme  
Cardoso, André Carneiro, António R.

Carvalho, Vânia Carvalho, Tânia M.  
Casimiro, Ana M. Costa, Fernando  
Costa, Francisco Curate, Luca A.  
Dimuccio, Ana Luísa Duarte, Vitor  
Durão, José d'Encarnação, Lídia  
Fernandes, Carlos Galhano, Cristina  
Gameiro, Jesús García Sánchez,  
Carolina Grilo, Rogier A. A. Kalkers,  
Sebastião L. de Lima Filho, Virgílio  
Lopes, Joana S. Macedo, João Marques,  
Jorge A. M. Marques, Teresa Marques,  
Henrique Matias, Leonor A. P. de  
Medeiros, Henrique Mendes, Paulo C.  
F. Monteiro, Nuno Neto, Rui Oliveira,

Luiz Oosterbeek, Franklin Pereira,  
Paula A. Pereira, João Pimenta,  
Albérico N. de Queiroz, Jorge Raposo,  
Paulo Rebelo, Marco A. Rocha,  
André T. Santos, Dario Seglie, João L.  
Sequeira, Miguel Serra, João Luís  
Sequeira, Vítor R. C. de Sousa,  
Tesse D. Stek e Chia-Chin Wu.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online*  
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.  
No entanto, a revista respeita a vontade dos  
autores, incluindo nas suas páginas tanto  
artigos que partilham a opção do editor  
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

**A** *Al-Madan Online* abre este novo tomo com uma reflexão acerca da investigação e da comunicação científica, da margem de incerteza que as caracteriza e da tolerância com que devem ser encaradas pois, frequentemente, mesmo quando se identificam as questões correctas, o tempo mostra que nem sempre se obtêm e partilham as respostas mais adequadas.

Tendo presente essa contingência, é de divulgação científica que tratam as páginas seguintes, com realce para sítios e contextos de Época Romana em Sines, em Cascais e no Alto Alentejo, nomeadamente no Município de Fronteira. Mas dá-se igual atenção ao impacto da Arqueologia preventiva na identificação de ocupações humanas do Paleolítico Superior em todo o país, e ainda, noutro âmbito cronológico, aos trabalhos arqueológicos realizados numa fábrica de descasque de arroz instalada em Salvaterra de Magos na segunda metade do século XX. A Arqueologia brasileira volta a marcar presença, agora com as ameaças à arte rupestre do Nordeste do Estado da Bahia, e há também espaço renovado para as arqueociências, neste caso através de uma proposta metodológica para a identificação de tubérculos secos, cozidos ou calcinados.

A premente definição disciplinar de uma Arqueologia Contemporânea em Portugal é defendida em artigo de opinião, a que se segue estudo que apresenta a Análise Urbana como domínio da Arquitectura que integra conhecimentos da História e da Arqueologia, entre outros.

Ao Património móvel e imóvel são dedicados textos sobre a conservação e restauro da fachada do edifício sede da colectividade mais antiga de Tomar, que assinalam a identificação e incorporação em museu de um azulejo valenciano dos séculos XV-XVI aplicado em imóvel de Sintra, e que tomam exemplares de aljavas provenientes do Sultanato de Granada (1238-1492) como ponto de partida para a abordagem mais geral das artes do couro na Península Ibérica durante a Idade Média.

Há ainda diferentes contributos para a História Local de Alcácer do Sal e de Almada, fruto da análise de conjuntos documentais dos séculos XVI a XVIII, bem como diversificado noticiário de natureza arqueológica, incluindo resultados de escavações, de projectos museológicos, de acções de Educação Patrimonial, etc.

Livros e revistas recentemente publicados também merecem comentário ou destaque e, nas páginas finais, encontram-se breves relatos de um número significativo de eventos científicos realizados em Portugal e no estrangeiro, com temáticas muito diversificadas, cuja partilha é útil para a comunidade científica portuguesa e para outros interessados. A fechar, agendam-se eventos do mesmo tipo já divulgados para os próximos meses. Enfim... muitas e boas razões para agradáveis momentos de leitura.

Jorge Raposo

# Os 25 Anos da Revista *al-'ulyà*

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

## A importância de uma revista cultural municipal

A fim de comemorar os 25 anos de publicação ininterrupta da revista do Arquivo Municipal de Loulé, *al-'ulyà*, realizou-se, a 21 de Novembro de 2018, no auditório do Convento do Espírito Santo daquela cidade do Barrocal algarvio, uma sessão em que intervieram os autores das contribuições publicadas nesse número 20, respeitante a 2018 (Fig. 1).

Na abertura dos trabalhos, esteve presente Joaquim Vairinhos, presidente da autarquia na altura em que a revista teve início. E cumpre, desde já, salientar a oportunidade das suas reflexões, que muito gostaria eu pudessem ser ouvidas e consciencializadas pelos autarcas portugueses.

É que tanto *al-'ulyà* como os “vizinhos” *Anais do Município de Faro* constituem exemplo que mui gostosamente nos agradaria ver imitado por todo o País.

É que os 25 anos da *al-'ulyà* passaram, naturalmente, pela normal sequência de executivos camarários, o mesmo acontecendo com os *Anais do Município de Faro*, boletim de que, existindo há quase meia centena de anos, se apresentou, a 22 de Setembro, o seu 40.º volume.

Não houve, tanto num caso como noutro, a tendência iconoclasta de um executivo ter a pernicioso pretensão de “deixar a sua marca”, abjurando, para isso, de quanto o anterior houvera feito, independentemente de ser mau ou bom.

Compreenderam os executivos que a manutenção de uma revista de índole cultural – mormente agora que as universidades prezam sobremaneira a história local e há temas de sobejo para objecto de estudo por parte de mestrandos e de doutorandos – é de importância fundamental para que a memória se não perca e a identidade se consolide.

As palavras do “presidente” Joaquim Vairinhos seriam depois ratificadas por todos os oradores, que se congratularam também com o facto de a autarquia ter deliberado atribuir prémio bienal de 4000 euros a um estudo sobre o património louletano, cujo patrono é o Doutor Joaquim Romero Magalhães, natural de Loulé, catedrático jubilado da Universidade de Coimbra, recentemente falecido.

Pedro Serra e João Sabóia historiaram o que foi o percurso da revista, onde, no cômputo geral, a temática histórica ocupou 41 % dos artigos publicados (80), a Arqueologia 28 % (54) e o património construído 9 % (17).

### Um panorama sobre a sessão comemorativa

Usando da palavra em seguida, Romero Magalhães (filho, como se sabe, do Prof. Joaquim Magalhães, o “descobridor” do, também louletano, António Aleixo) aproveitou o ensejo para evocar o ambiente em que cresceu, aprendeu as primeiras letras e conviveu com as pessoas que tanto lhe ensinaram do bom modo de viver, salientando a clarividência dos técnicos camarários que, ao longo dos anos, foram guardando religiosamente a documentação sobre Loulé, de modo que, na actualidade, ali existem verdadeiras preciosidades.

Luís Miguel Duarte, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, exemplificou em concreto o que atrás se disse acerca da história local e da importância do Arquivo Municipal de Loulé, pois deu conta do que escrevera acerca do *Livro da Repartição da Fruta*, datado de 1450, um manancial de informação económica deveras singular.

Sob o título “Ouvi de Mandado d'El Rei”, a Doutora Maria Helena da Cruz Coelho, catedrática aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, falou de como, através da documentação existente em arquivo, se podia saber do relacionamento entre o poder local e o poder real, entre, por exemplo, os anos de 1492 e 1497, ao tempo de el-rei D. João II. Ou seja, o que se guardara aqui fora enviado pelo rei a todos os municípios e é reflexo ímpar desse relacionamento, extensível, naturalmente, a todo o País e Loulé soube-o guardar! A vida de todo o País espelhada na documentação louletana! As atitudes perante os judeus e os conversos...

Bernardo Vasconcelos e Sá, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, abordou o papel da Ordem de Santiago na conquista do Algarve. Como interagiram o Prior D. Paio Peres Correia e D. Afonso III. Houve toda uma memória mui cuidadosamente construída sobre a conquista do Algarve, de forma que os vindouros ficassem com uma boa ideia (porventura, não a realmente acontecida) acerca de como a conquista se processou e quais as forças em presença. Porventura, desde logo, as vontades políticas a intervirem no que se desejava perpetuar como “memória”, qual verdadeira “guerra santa” contra o Islão, onde, no entanto, desde cedo se preconizou a fácil aculturação entre as partes, os muçulmanos e os cristãos!

Mário Varela Gomes não pôde estar presente para testemunhar o que foi, no século XX, a investigação sobre a epigrafia da Idade do Ferro no Sudoeste Peninsular. Loulé tem testemunhos dessa época e também por isso se prevê para o próximo ano a realização ali do XIII Colóquio sobre Línguas e Culturas Paleo-Hispánicas.

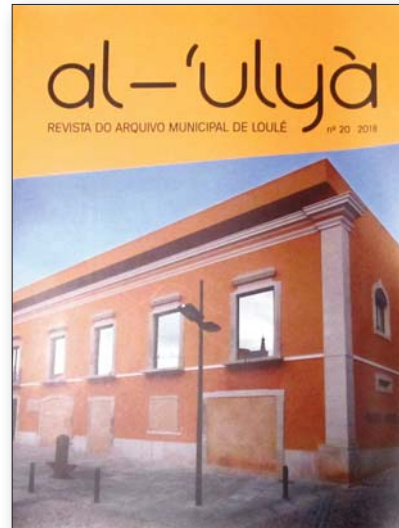


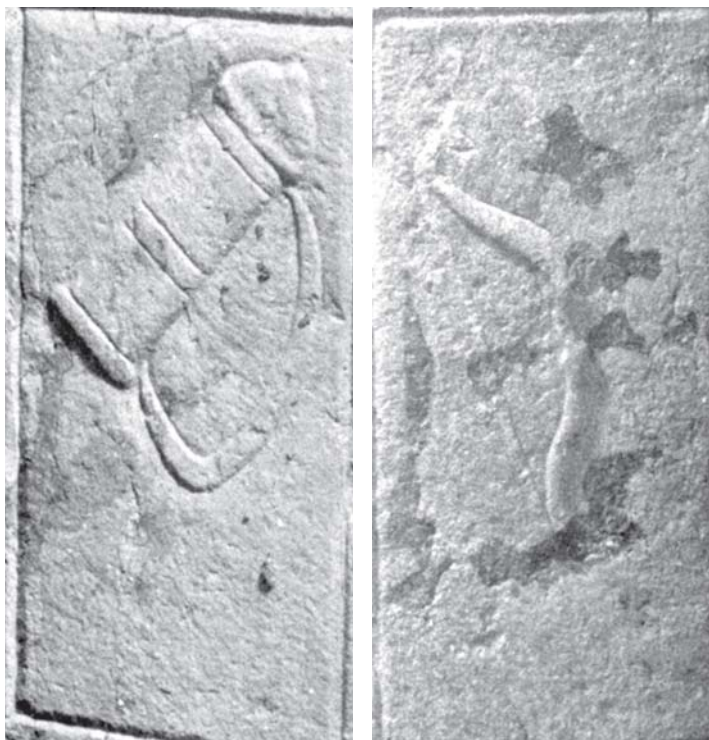
FIG. 1 – Capa do N.º 20 de *al-'ulyà* - Revista do Arquivo Municipal de Loulé.

No começo da sessão da tarde, tive eu próprio ocasião de chamar a atenção para a documentada singularidade da decoração em baixo-relevo patente num altar votivo romano, dedicado à deusa Diana, achado em reutilização, pelos finais do século XIX, na torre da igreja de S. Clemente. Nunca se pusera a questão acerca dessa representação de uma aljava e de um arco (Figs. 2 e 3), nas faces laterais da ara: se era uma de muitas semelhantes ou se, ao invés, não tinha, realmente, paralelos no conjunto dos monumentos epigráficos romanos conhecidos. Ora, a investigação feita permitiu concluir pela singularidade, o que acrescentou subido valor documental à epígrafe, testemunhando, mais uma vez, o elevado nível cultural das gentes que por aí estanciam no tempo romano.

José Carlos Vilhena Mesquita, docente na Universidade do Algarve, partilhou os resultados que vem obtendo na investigação sobre a actividade da Inquisição, nomeadamente no âmbito da marginalidade sexual. Mereceu-lhe particular atenção a figura de uma algarvia, Felipa de Sousa, condenada pelo “pecado nefando” da sodomia, tendo salientado o carácter precursor, digamos assim, da atitude da condenada, por, sendo “cristã-velha”, haver publicamente declarado a sua inclinação sexual. Uma pesquisa, acentuou Vilhena Mesquita, que proporciona importantes pistas no sentido de melhor se compreenderem mentalidades.

Luís Reis Torgal, professor catedrático aposentado de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra que muito se tem interessado pelas questões ligadas ao Estado Novo, analisou a atitude tomada pela Censura e pela Polícia Política em relação à peça de teatro *Felizmente há Luar!* (Fig. 4), da autoria de Luís Sttau Monteiro (1961). Essa “apoteose trágica” (como o autor lhe chamou) evocava a conspiração planeada, em 1817, por Gomes Freire de Andrade, que acabaria por ser enforcado contra tudo o que era legítimo, porque não poderia enforcar-se um oficial general. Apesar de ser, na sua essência, um libelo contra o clima de repressão que, nessa década de 1960, se vivia em Portugal, a Censura não ousou proibir a sua divulgação em livro; proibiu, sim, a sua representação.

Guilherme de Oliveira Martins começou exactamente por esse ponto, o assassinato de Gomes Freire de Andrade, e explicitou que, em vez de se focar essa morte ignóbil, preferiu-se comemorar o bicentenário da anulação da pena de morte em Portugal, estando ambos os factos intrinsecamente ligados. Teceu depois considerações muito



FIGS. 2 E 3

positivas acerca da actividade cultural que se está a desenvolver, em continuidade, no município de Loulé, sobretudo em relação à revitalização do Património nos seus mais diversos sectores.

Guilherme de Oliveira Martins chegara pouco antes de intervir, não sabia o que se sublinhara de manhã, mas as suas palavras vieram precisamente no mesmo sentido do que se preconizara, tendo acentuado, a finalizar, que, ao contrário do que amiúde se pensa, “*Portugal não nasceu do Norte para o Sul; nasceu do Norte para o Sul e do Sul para o Norte! Basta analisar a formação da nossa língua!*”...



Francisco Lameira e Marco Santos encaminharam os seus estudos para uma actividade deveras sugestiva, também ela suportada pelos excepcionais documentos guardados no Arquivo Municipal, assim como na Torre do Tombo e no Arquivo Distrital de Faro: a actividade em Loulé de pedreiros e de canteiros. Os róis aí patentes permitiram-lhes ensaiar a elaboração de um “dicionário” dos pedreiros e dos canteiros, com significativas referências biográficas e às obras encomendadas. Recorde-se ser esta uma profissão que, no Barrocal, de S. Brás de Alportel a Ferreiras, foi ocupando gerações ao longo dos séculos; as obras atraíam oficiais doutras zonas do País e também daqui pedreiros e canteiros irão migrar para onde essa mão-de-obra especializada necessária for. Não pôde comparecer o Doutor Pedro Barbosa, cuja comunicação versaria o contributo de Alexandre Herculano para as questões do Património a nível municipal.

Abrira os trabalhos, pela manhã, Pedro Pimpão, vice-presidente do Executivo, em representação do seu Presidente, Vítor Aleixo. Encerrou-os a Dra. Dália Paulo, Directora Municipal no âmbito do Património, que se congratulou com a excelência do que lhe fora dado ouvir; agradeceu ao Dr. Pedro Serra, responsável pelo Arquivo e Director da revista, o entusiasmo posto na concretização do evento; e convidou todos a continuarem as suas investigações em prol da riquíssima História local. 🐾

FIG. 4

# almada online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

**uma edição**



## CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[[c.arqueo.alm@gmail.com](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com)]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]